

Rock in Rio marca volta de Shawn Mendes aos palcos



PÁGINA 6

'Emanuelle' volta às telas em nova versão



PÁGINA 4

Silvio de Abreu critica as novelas da atualidade



PÁGINA 7

2º CADERNO

Lista inicial tem 12 filmes. Anúncio final sairá no dia 23 de setembro



A METADE DE NÓS



AINDA ESTOU AQUI



CIDADE; CAMPO



ESTÔMAGO 2 - O PODEROSO CHEF



LEVANTE

Academia Brasileira de Cinema anunciou os 12 longas habilitados a concorrer a uma vaga na categoria Melhor Filme Internacional no Oscar 2025. A lista com seis títulos escolhidos pela Comissão de Seleção será anunciada no dia 16 de setembro.

No dia 23, será divulgado o filme que representará o Brasil na categoria. A Academia Brasileira de Cinema anunciou a lista com os 12 longas-metragens que estão aptos a disputarem uma indicação à vaga na categoria Melhor Filme Internacional no Osca 2025. São eles: "A Metade de Nós", de Flávio Botelho; "Ainda Estou Aqui", de Walter Salles; "Cidade Campo", de Juliana Rojas; "Estômago 2 - O Poderoso Chef", de Marcos Jorge; "Levante", de Lillah Halla; "Motel Destino", de Karim Aïnouz; "Ninguém Sai Vivo Daqui", de André Ristum; "O Sequestro do Voo 375", de Marcus Baldini; "Saudade Fez Morada Aqui Dentro", de Haroldo Borges; "Sem Coração", de Nara Normande e Tião; "Vermelho Monet", de Halder Gomes; e "Votos", de Ângela Patrícia Reiniger.

Continua na página seguinte

Academia Brasileira de Cinema INICIA PROCESSO DE ESCOLHA DO FILME representante do Brasil no Oscar

A METADE DE NÓS (Direção: Flávio Botelho) - Francisca e Carlos lutam para se adaptar à nova realidade após o suicídio do único filho, Felipe. Mergulhados em fantasias, medos e melancolia, o casal se separa. Cada um a seu modo vivencia experiências radicais. Carlos se muda para o antigo apartamento de Felipe, alienando-se na vida do filho morto. Já Francisca, assombrada pela culpa, dedica-se a desvendar o enigma do suicídio.

AINDA ESTOU AQUI (Direção: Walter Salles) - Rio de Janeiro, início dos anos 70. O país enfrenta o endurecimento da ditadura militar. Estamos no centro de uma família, os Paiva: Rubens, Eunice e seus cinco filhos. Vivem na frente da praia, numa casa de portas abertas para os amigos. Um dia, Rubens Paiva é levado por militares à paisana e desaparece. Eunice - cuja busca pela verdade sobre o destino de seu marido se estenderia por décadas - é obrigada a se reinventar e traçar um novo futuro para si e seus filhos. Baseada no livro biográfico de Marcelo Rubens Paiva, a história emocionante dessa família ajudou a redefinir a história do país.

CIDADE; CAMPO (Direção: Juliana Rojas) - O filme apresenta duas histórias sobre migração entre a cidade e o campo. Na primeira parte, após o rompimento de uma barragem inundar sua terra natal, a trabalhadora rural Joana se muda para São Paulo para encontrar sua irmã Tânia, que mora com o neto Jaime. Joana luta para sobreviver na "cidade do trabalho". Na segunda parte, Flávia se muda com Mara, sua companheira, para a fazenda que herdou do pai, falecido recentemente. A natureza obriga as duas mulheres a enfrentar frustrações e lidar com memórias e fantasmas.

ESTÔMAGO 2 - O PODEROSO CHEF (Direção: Marcos Jorge) - A fantástica e divertida jornada de nosso "anti-herói" preferido, Raimundo Nonato (João Miguel), e suas aventuras filosófico-culinárias continuam. Dezesseis anos depois dos acontecimentos do primeiro filme, Nonato virou o chef dos chefes na prisão, encantando com seu talento culinário e saborosa lábia tanto o diretor do presídio quanto o veterano líder dos detentos, Etecétera (Paulo Miklos). Até que um terceiro chefe, o mafioso italiano Dom Caroglio (Nicola Siri), chega para disputar o controle da

CONHEÇA OS PRÉ-SELECIONADOS



MOTEL DESTINO



O SEQUESTRO DO VOO 357



SAÚDE FEZ MORADA AQUI



NINGUÉM SAI VIVO DAQUI



SEM CORAÇÃO



VERMELHO MONET



VOTOS

penitenciária e o privilégio de ser servido pelo carismático cozinheiro. Ao mesmo tempo, conheceremos os tortuosos caminhos que transformaram o pacato filho da dona de um restaurante brasileiro no sul da Itália no poderoso chefe que, anos depois, vem ao Brasil desafiar o crime organizado por causa de Nonato.

LEVANTE (Direção: Lillah Halla) - A futura liberdade e autonomia de Sofia, uma jovem jogadora de vôlei, são ameaçadas por um conservador e violento efeito manada... Às vésperas do campeonato de vôlei decisivo para seu futuro como atleta, Sofia descobre uma gravidez indesejada. Na tentativa de interrompê-la clandestinamente, ela acaba se convertendo em alvo de um grupo fundamentalista decidido a detê-la a qualquer preço, mas nem Sofia

nem aqueles que a amam estão dispostos a se render ante o fervor cego da manada.

MOTEL DESTINO (Direção: Karim Ainouz) - O Motel Destino em tons de neon é um hotel de sexo à beira da estrada sob o céu azul ardente da costa do Norte do Brasil, administrado pelo boorish Elias e sua frustrada e bela esposa Dayana. Quando Herald, de 21 anos, se vê no motel, depois de errar um golpe e fugir da polícia e da gangue que ele decepcionou, Dayana se vê intrigada e o deixa ficar. Enquanto os dois navegam em uma dança de poder, desejo e libertação, um perigoso plano de liberdade surge. Neste noir tropical, lealdades e desejos se entrelaçam, revelando que o destino tem seu próprio design enigmático.

NINGUÉM SAI VIVO DAQUI

(Direção: André Ristum) - No começo dos anos 1970 a jovem Elisa é internada à força pelo pai no Hospital Psiquiátrico Colonia, por ter engravidado do namorado. Após passar por muitos abusos, Elisa, junto com outros colegas injustiçados, lutará para encontrar uma maneira de fugir dessa sucursal do inferno.

O SEQUESTRO DO VOO 375 (Direção: Marcus Baldini) - Em 1988 o trabalhador Nonato (Jorge Paz) se rebelou contra o presidente e as dificuldades de um país em crise e orquestra o sequestro de um voo comercial para um atentado ao Palácio do Planalto. Murilo (Danilo Grangheia), o piloto desse avião, se vê responsável pela vida de mais de 100 pessoas a bordo e mesmo com toda tensão criada pelo sequestrador dentro da aeronave, executa a

manobra mais impressionante da sua carreira e muda a história da aviação. Baseado em uma história real.

SAÚDE FEZ MORADA AQUI DENTRO (Direção: Haroldo Borges) - Bruno é um menino de 15 anos que está perdendo a visão de forma irreversível. Com todas as incertezas da adolescência, amplificadas pela cegueira iminente, o filme converte o destino trágico de seu protagonista em um relato de aprendizagem coletivo. **SEM CORAÇÃO** (Direção: Nara Normande e Tião) - Verão de 1996, litoral de Alagoas. Tamara está aproveitando suas últimas semanas na vila pesqueira onde mora antes de partir para estudar em Brasília. Um dia, ela ouve falar de uma adolescente apelidada de "Sem Coração" por causa de uma cicatriz que tem no peito. Ao longo do verão, Tamara sente uma atração crescente por essa menina misteriosa.

VERMELHO MONET (Direção: Halder Gomes) - Johannes Van Almeida (Chico Diaz) é um pintor de mulheres sem aceitação no mercado; obsoleto. Com a visão deteriorada e à beira de um colapso nervoso, encontra em Florence Lizz (Samantha Müller) - uma famosa atriz em crise e insegura na preparação para o seu filme mais desafiador a inspiração para realizar sua obra prima. Antoinette Lefèvre (Maria Fernanda Cândido) é uma influente marchand/connoisseur de arte que fareja o valor de obras de arte quando histórias de inspiração viram obsessão entre pintores e modelos.

VOTOS (Direção: Ângela Patrícia Reiniger) - O documentário investiga as razões que levam as pessoas, em pleno século 21, a fazer os votos de Conversão dos Costumes (Pobreza e Castidade), Obediência, e Estabilidade (viver e morrer no mesmo local), e a optar por viver em clausura, ao entrarem para a vida monástica. No mundo atual, onde há uma busca incansável por novidades e as relações humanas são cada vez mais descartáveis, os votos religiosos são, ao contrário disso, um compromisso para toda a vida. Tanto que, em sua fase final, são chamados de perpétuos. O documentário revela esta realidade, dentro dos mosteiros e abadias, a qual a maior parte das pessoas não tem acesso. E mostra também quem, depois de passar por todo processo, descobre que aquela vida não era para si.



Uma pá de cal na isenção

Leni Riefenstahl, a cineasta do nazismo, é retratada em documentário em Veneza

Por **Bruno Ghetti** (Folhapress)

A cineasta alemã Leni Riefenstahl tinha 101 anos quando morreu, em 2003, e até o leito de morte jurou de pé junto que nunca foi nazista. Algo suspeito, porque na década de 1930 ela foi a responsável pelos mais importantes filmes que propagandeavam a ideologia de Adolf Hitler. Mas a diretora afirmava ser apolítica e desconhecer as atrocidades do Terceiro Reich. Nos seus filmes, apenas o fazer artístico lhe interessaria.

Ninguém nunca conseguiu provar nada, mas agora o diretor alemão Andres Veiel surge com um documentário que se presta a jogar uma pá de cal em dúvidas acerca da pretensa “ignorância” da diretora diante dos horrores nazistas na Segunda Guerra.

Exibido no Festival de Veneza, fora de competição, “Riefenstahl” traz o resultado de suas pesquisas no até então intocado acervo da diretora, guardado em 700 caixas repletas de áudios, filmes caseiros, cartas, anotações pessoais e fotos.

Em sua investigação, concluiu que ela sabia, sim, dos campos de concentração. E mais ainda: teria contribuído, mesmo que indiretamente, para a execução de judeus ainda em 1939.

O evento pouco conhecido se deu quando ela foi a Konskie, na Polônia, fazer um registro do front germânico, em projeto que acabou abortado. Uma carta escrita por um oficial, encontrada no acervo, revela o que aconteceu. Em certa cena, um grupo de judeus aparecia nas imagens. A diretora se enfureceu, gritando algo como: “Livrem-se deles!”.

“Ela foi uma catalisadora do massacre, porque ela exigiu que eles ficassem de fora das filmagens”, diz Veiel à reportagem, so-



Reprodução YouTube

O documentário ‘Riefenstahl’, de Andres Veiel, explora arquivos pessoais nunca antes revelados em biografias da controversa diretora alemã

bre o evento que levou 22 judeus à morte a tiros logo em seguida. “Depois disso, houve ali uma reação em cadeia, com as pessoas já suficientemente tomadas por antissemitismo tendo sua raiva aumentada ainda mais. Então a culpa dela talvez seja mais do que apenas testemunhar um massacre.”

O filme também traz à tona novamente as acusações feitas a Riefenstahl, pouco antes de morrer - e negada por ela -, de que usou crianças de um campo de concentração de ciganos para serem figurantes em seu longa “Terra Baixa”, filmado nos anos 1940, mas lançado só em 1954. E comprova que a relação entre

ela com a cúpula nazista, sobretudo Hitler e o ministro da propaganda, Joseph Goebbels, era mais corriqueira do que ela revelava em entrevistas.

“Ela dizia que política e arte eram áreas completamente diferentes. Claro que não são”, diz Veiel. “Era muito esperta. Antes das entrevistas, dizia que se falassem de política, interromperia a conversa. Mas o assunto sempre aparecia, e ela não parava. Às vezes, ficava irritada, mas falava sobre Hitler e Goebbels, sempre se desculpendo, dizendo ter que cumprir os pedidos deles.” Até morrer, teve obsessão com a ideia de sanitizar seu passado.

O fato de o documentário ser lançado no Festival de Veneza tem um peso simbólico. Afinal, foi na cidade italiana que a cineasta viveu momentos de glória, inclusive a premiação de seu filme “Olimpia”, em 1938, quando o evento era supervisionado por Benito Mussolini.

Bem antes do reconhecimento como cineasta, Riefenstahl era dançarina. Era uma mulher linda, atlética e de traços expressivos. Após fazer sucesso atuando em filmes que exploravam sua perícia no montanhismo, resolveu ela mesma dirigir um: “A Luz Azul”, de 1932.

Hitler teria visto o filme e

se entusiasmado com a beleza das imagens, chamando-a para registrar materiais propagandísticos fascistas. Em “O Triunfo da Vontade”, de 1935, ela filmou um congresso nazista em Nuremberg, reservando em seu longa muito espaço para discursos do Führer. Sua técnica apurada para mostrar a grandiosidade do evento, a disciplina e os ideais elevados dos milhares de alemães participantes tornaram o longa um marco - um caso exemplar de como um discurso fílmico pode servir a uma ideologia.

Em “Olympia”, de 1938, exaltou os corpos humanos perfeitos, registrando os jogos olímpicos de Berlim de dois anos antes, com destaque para o sentimento nacionalista dos participantes e seu vigor físico.

“Celebrava os vitoriosos, os superiores. E isso é uma ideologia fascista: o desprezo dos ditos fracos, doentes, anormais - tire-os de perto de você, e terá a raça pura”, pontua Veiel, que diz que a diretora sempre teve fascínio pela noção de heroísmo, o que se nota em seus escritos.

No rascunho de suas memórias, ela narra, por exemplo, quando, aos cinco anos, seu pai a arremessou na água gelada, sem ela saber nadar.

“Segundo ela, quase se afogou, mas foi positivo, porque a partir dali se tornou uma boa nadadora. Quer dizer, naquele momento, ela se sentiu frágil, perto da morte. Mas ela se identificou com o agressor, o pai, como faria com outros patriarcas, como Hitler, desprezando a fraqueza.”

Veiel diz que a força da extrema-direita no mundo hoje torna importante o que ele chama de “exumação” do caso Riefenstahl.

“Na última conversa que ela tem no filme, pelo telefone, é dito que vai demorar uma ou duas gerações para a Alemanha reencontrar seu papel em termos de moralidade, virtude e ordem. Não se está ali muito distante de Donald Trump e o que ele diz sobre imigrantes estragarem o sangue americano. Foi uma conversa sombriamente profética.”

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

No dia 20 de setembro, quando Audrey Diwan abriu o 72º Festival de San Sebastián, na Espanha, com a nova versão de “Emmanuelle”, em concurso pela Concha de Ouro, um novo capítulo da história do feminismo nas telas haverá de ser escrito. É a promessa que cerca o mais recente longa da diretora Audrey Diwan, ganhadora do Leão de Ouro de Veneza, em 2021, por “O Acontecimento”. Ela volta com uma releitura, para tempos marcados por lutas pela equidade de gêneros, de um clássico do erotismo, definido por alguns como cafona e por outros como necessário.

É um clássico que celebra 50 anos em 2024, e tem sua volta ao circuito sendo negociada por cinematecas e salas dedicadas ao chamado filme de arte. Em 1974, o fotógrafo e escultor francês Just Jaeckin (1940-2022) estreou como cineasta com uma adaptação do romance best-seller homônimo publicado em 1967 pela franco-tailandesa Marayat Rollet-Andriane (1932-2005), conhecida como Emmanuelle Arsan. O livro vendeu milhares e adaptação audiovisual dele repetiu esse feito nas bilheteiras, no mundo todo, a um ponto de ter somado 8,9 milhões de ingressos vendidos na França. Sua arrecadação mundial beirou US\$ 20 milhões (uma fortuna para a época), abrindo uma franquia alimentada por seis outros longas e sete telefilmes. Esse fenômeno transformou sua atriz principal, a holandesa Sylvia Kristel (1952-2012), numa estrela e num sinônimo de libido em tempos em que não se falava de sororidade.

Noémie Merlant (de “Retrato de uma Jovem em Chamas”) será a estrela do “Emmanuelle” de Diwan. Na trama, que discute empoderamento, a personagem está à procura de um prazer perdido e viaja sozinha para Hong Kong numa viagem de negócios. Por lá, trava numerosos encontros afetivos e conhece Kei, um homem que a ilude constantemente - um pouco com acontecia na adaptação de Jaeckin. “Estou no cinema em busca de uma angústia essencial à condição feminina, que mostra o



Divulgação

Noémie Merlant estrela a versão da realizadora Audrey Diwan para o clássico libidinoso dirigido pelo fotógrafo e escultor Just Jaeckin nos anos 1970

50 anos depois, Emmanuelle regressa



Divulgação

A holandesa Sylvia Kristel ganhou por acaso o papel central do filme de Just Jaeckin, lançado há 50 anos

quanto já fomos submetidas a violências em relação aos direitos sobre o corpo”, disse Diwan ao Correio da Manhã via Zoom, quando iniciou o projeto “Emmanuelle”.

Pouco antes de morrer, Sylvia Kristel lançou-se em experiências nas artes plásticas e arriscou dirigir um filme, um curta-metragem de animação chamado “Topor et Moi”, exibido no Brasil pelo festival Ani-

ma Mundi, em 2008. À época, ela conversou com este repórter sobre o impacto de “Emmanuelle” em sua vida, relembrando hostilidades que sofreu. Impróprio para menores de um salário mínimo, o ideal burguês de prosperidade - alvo de todo pleito por igualdade, fosse marxista ou não, nos idos dos anos 1970 - foi devassado nos cinemas, pelas vias da moral nupcial, por Jaeckin que, após

Fenômeno de bilheteria em 1974, o drama erótico que consagrou Sylvia Kristel ganha nova versão, que abre o Festival de San Sebastián, sob a direção de Audrey Diwan

dá poder. Ele liberta aquilo que a sociedade só permite por debaixo dos lençóis, entre quatro paredes”.

Celebrizado ainda por uma canção de Pierre Bachelet (1944-2005) batizada com o nome de sua personagem título, “Emmanuelle” nasceu de uma encomenda do produtor Yves Rousset-Rouard depois de ele conferir o frenesi popular em torno de “O Último Tango Em Paris”, em 1972, que também tinha um tônus de erotismo. Jaeckin assumiu a tarefa de filmar a trama de Marayat, rodando entre 10 de dezembro de 1973 e 6 de fevereiro de 1974. Dividiu-se entre locações na Tailândia e em Paris. Sylvia ganhou o papel principal por acaso: ia fazer um teste para um comercial e acabou entrando na sala errada, onde estava sendo feita a audição para o elenco da saga de Emmanuelle. Sua inteligência impressionou Jaeckin.

“Existia uma clara objetificação do corpo feminino naquela época, o que perdurou na História, mas havia na figura de Emmanuelle, e sua carência, um vazio e um tédio inerentes a um modo alienado de ser da alta classe média. Quando aquela mulher desce do salto e vai ser feliz, em busca do querer, assumindo sua potência feminina sem freios, várias convenções do modo burguês de ser eram demolidas. Isso me dava dignidade”, disse Sylvia, numa entrevista de 2008. “Embora a série tenha se perdido em meio a continuações sensacionalistas, o primeiro filme preserva ainda uma poesia de época”.

O desafio de Diwan é preservar essa dimensão poética. “Nunca esperei iniciar uma carreira como realizadora e permanecer nela, uma vez que venho da literatura e entrei no cinema na condição de roteirista. Optei por dirigir por necessidade, para poder viabilizar projetos”, disse a cineasta pouco antes de começar a filmar “Emmanuelle” com Noémie Merlant. “Sinto que eu levei da minha vivência como roteirista o apreço pelo silêncio, mais do que pela palavra, e tento aproveitar esse meu interesse para explorar os abismos que existem na quietude das minhas personagens. Quero mostrar os urros de dor que não se expressam por gritos, mas traduzem a opressão feminina”.

décadas encarado apenas como caça-níqueis erótico, ganha agora uma dimensão de rebeldia política.

“Na França dos anos 1970, Jaeckin apostou no sucesso, queria encher salas, ainda que o fizesse a partir de filmes com requinte nos enquadramentos. O problema é que fazer sucesso incomoda. A gente incomodou”, disse Sylvia. “O desejo é essencialmente subversivo, pois ele

Mostra no Estação NET Rio e no Instituto Cervantes resgatam a estética libertária e erótica do artesão autoral espanhol que consagraria Javier Bardem nos anos 1990

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

Ao longo de semanas a fio, no início dos anos 2000, o filme “A Camareira do Titanic” (ganhador da Pirâmide de Ouro no Festival do Cairo) mobilizou salas do circuito Estação. Sua narrativa arrebataba as plateias cariocas com a estética caliente de um artesão autoral espanhol que tomou o mundo de assalto a partir da década de 1970: Bigas Luna (1946-2013).

Designer e pintor, egresso da pátria que gerou transgressores como Carlos Saura (1932-2013), Pedro Almodóvar e Isabel Coixet, ele marcou a produção audiovisual europeia com narrativas de forte apelo erótico, nas quais comidas, corpos e volúpias desafiavam a moral de um país marcado pelo franquismo. Poucos artistas retrataram a masculinidade de maneira tão plural quanto ele, alquebrando o sexismo e recontextualizando a virilidade. Seu olhar impressionou a crítica já em seus primeiros longas, entre eles “Tatuaje, primera aventura de Pepe Carvalho” (1978), que será exibido pelo Festival de San Sebastián (20 a 28 de setembro), em sua seção de clássicos restaurados. Por aqui, vai haver um tributo a suas criações também. A partir desta quarta-feira, até o próximo dia 10, o circuito que ajudou a consagrar BL no Rio, somado à tela de projeção do Instituto Cervantes, promove uma bem-vinda revisão de seus filmes.

O professor Santiago Fouz Hernández, da Universidade de Durham, é um dos responsáveis pela retrospectiva no RJ, ao lado da filha do realizador, Betty Bigas. Esta noite, a partir das 18h30, no I. Cervantes, os dois se juntam a Carolina Sanabria (da Universidade da Costa Rica) para um debate sobre a obra do diretor, precedida pela projeção de seu último tra-



Penélope Cruz e Javier Bardem em ‘Jamón, Jamón’, premiado em Veneza em 1992

Temperos de Bigas Luna

Divulgação MUBI



Bigas Luna marcou a produção audiovisual europeia com narrativas de forte apelo erótico, nas quais comidas, corpos e volúpias desafiavam a moral de um país marcado pelo franquismo

macheza caída, representando suas figuras masculinas como anti-heróis”, explica Fouz-Hernández.

Autor de livros teóricos obrigatórios como “Live Flesh – The Male Body In Contemporary Spanish Cinema” e “Cuerpos de cine”, o

pesquisador se prepara para

lançar “The Films Of Bigas Luna”, que sai em 2025 pela Manchester University Press. É uma reunião de estudos sobre a relevância de BL para a representação de dilemas ibéricos promovidos pelo diretor a partir do êxito de “Bilbao”, lançado por ele em Cannes, em 1978.

“Um filme como ‘Tatuaje’, por exemplo, registra todo o processo de transição pelo qual a Espanha passou, com a morte de Franco, conforme a censura do governo dele era derrubada gradualmente. Bigas chegou trazendo alegorias e metáforas, celebrando a força das mulheres, festejando a liberdade de expressão”, diz Fouz-Hernández, lembrando que BL filmou em inglês, com Dennis Hopper (1936-2010).

Ele dirigiu o astro de “Easy Rider – Sem Destino” (1969) em “Golpe do Milagre” (“Reborn”, 1981). Voltaria a combinar falas anglófilas com seu espanhol natal em “Os Olhos da Cidade São Meus” (1987), no qual dialogou com as cartilhas do thriller. Um dos filmes que melhor ilustram a diversidade da filmografia de Bigas é “A Teta e a Lua”, que ganhou o prêmio de melhor roteiro em Veneza, em 1994. É uma comédia sobre uma criança que sonha em beber leite materno por muito tempo, conquistando um seio farto para si. A produção será exibida no Estação NET Rio neste sábado, às 21h.

balho, concluído postumamente por seus colaboradores: “Bigas por Bigas” (2016).

“Um dos melhores elogios que Bigas Luna recebeu em vida se deu no Festival de Veneza, onde disseram que seu filmes poderiam ser comidas. Ele acreditava que o legado de seu cinema era provocar nas pessoas vontade de viver, uma vez que celebrava o sexo e a liberdade”, diz Fouz-Hernández, num papo no saguão do Estação NET Rio, onde, nesta quinta-feira, às 21h, será exibido “Jamón, Jamón”, pelo qual BL ganhou o Leão de Prata de Melhor Direção no Festival de Veneza, em 1992.

Campeão de bilheteria à época de sua estreia, “Jamón, Jamón” ajudou a revelar duas das maiores estrelas espanholas de todos os tempos: Penélope Cruz e Javier Bardem, que viriam a formar um casal, no fim dos anos 2000. Bardem ficou conhecido como o muso de Bigas depois de estrelar (sob a direção dele) o controverso “Ovos de Ouro”, que ganhou o Grande Prêmio do Júri de San Sebastián em 1993. Graças a esse longa, Bardem ficou conhecido como um símbolo da desconstrução do “macho latino”.

“O cartaz dessa película já era provocativo, com o personagem de Bardem segurando seus testículos num gesto de força, como se fosse capaz de tudo por se homem. Bigas quebrava essa expectativa dele ao criar uma representação da

Divulgação

Ricardo Borges/Folhapress



Como será o retorno de Shawn Mendes aos palcos, no Rock in Rio, após hiato de apresentações ao vivo

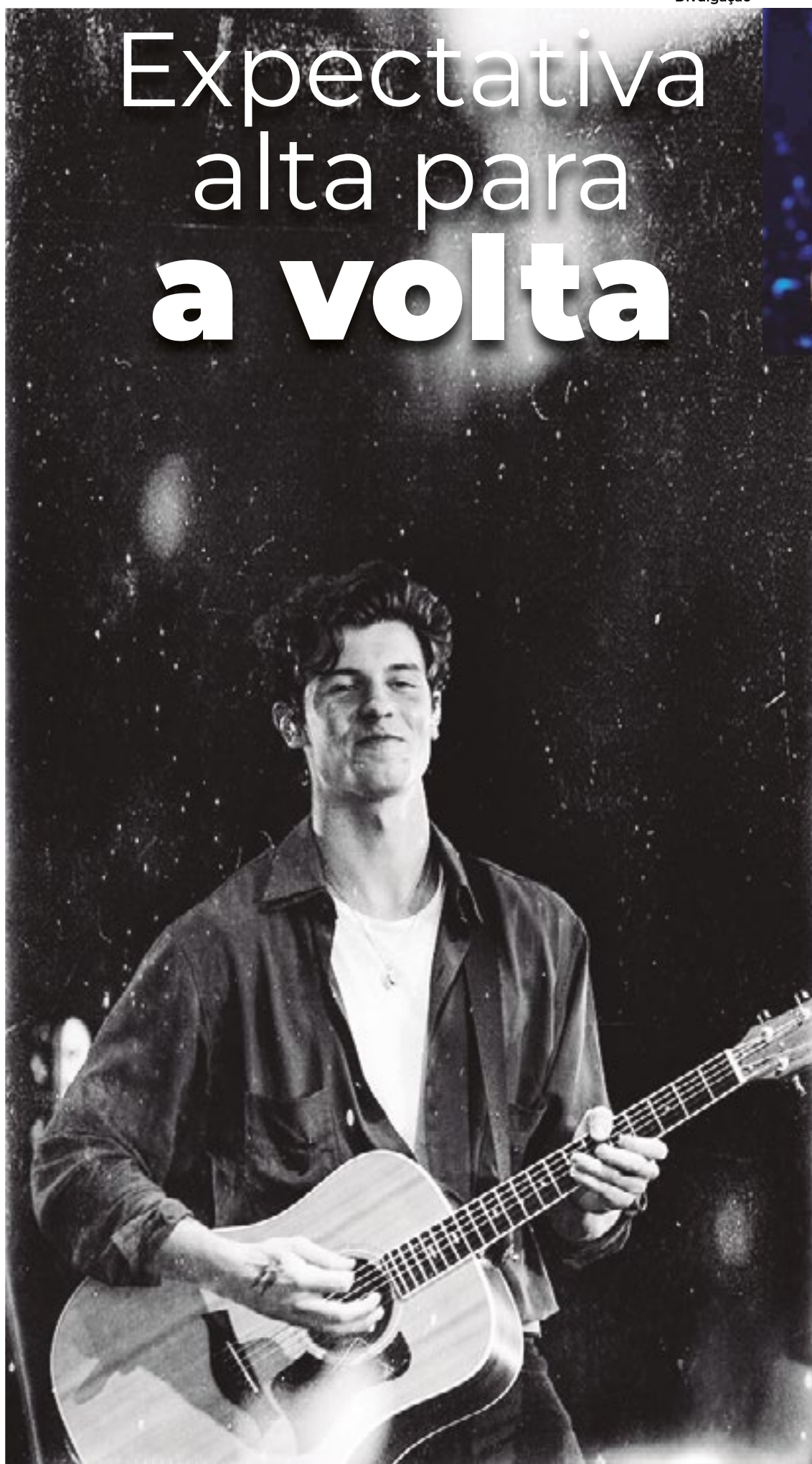
Por **Amanda Cavalcanti**
(Folhapress)

Há dois anos, Shawn Mendes cancelava mais de 80 shows restantes da turnê “Wonder”. Na ocasião, o cantor canadense afirmou que não se sentia preparado para uma turnê e precisava cuidar de sua saúde mental. Com exceção de uma apresentação realizada num pequeno teatro neste ano, Mendes está longe dos palcos já há dois anos. Seu retorno será no Rock in Rio, em que o cantor encabeça o palco Mundo no dia 22 de setembro, que tem os ingressos esgotados. Dessa maneira, o festival será a maior plateia para a qual o artista se apresenta em tempos.

Mendes se mostra desconfortável com a fama que o acompanha desde o hit “Stitches”, lançado há quase dez anos. Aos 17, ele se tornou um dos cinco artistas a ter um álbum no topo das paradas da Billboard nos Estados Unidos antes de atingir a maioridade.

O garoto sensível com uma fisionomia delicada caiu no gosto das adolescentes, que não demoraram a fazer dele um sucesso cada vez maior. A estética sonora de Mendes - um pop-rock pouco criativo - nunca foi algo que valesse muito comentário, mas suas letras continham uma honestidade curiosa sobre sua posição enquanto estrela pop.

Expectativa alta para a volta



Shawn Mendes em sua participação no Rock in Rio de 2017

Isso ficou marcado pelo lançamento de “In My Blood”, em 2018, primeira faixa em que o cantor tratou abertamente de sua luta contra a ansiedade.

Mendes se apresentou no Brasil pela primeira vez em 2017, no Rock in Rio, e voltou há cinco anos, já como um fenômeno. Na ocasião, viu os ingressos de dois shows se esgotarem em São Paulo, mas precisou cancelar uma das apresentações, o que deu início a um período conturbado de sua carreira e culminou no seu quarto álbum, “Wonder”.

O disco, lançado em 2020, tratou de seu desconforto com a fama e conflitos de saúde mental. O projeto não foi bem recebido pela crítica, e seu sucesso acabou limitado pelo cancelamento da turnê.

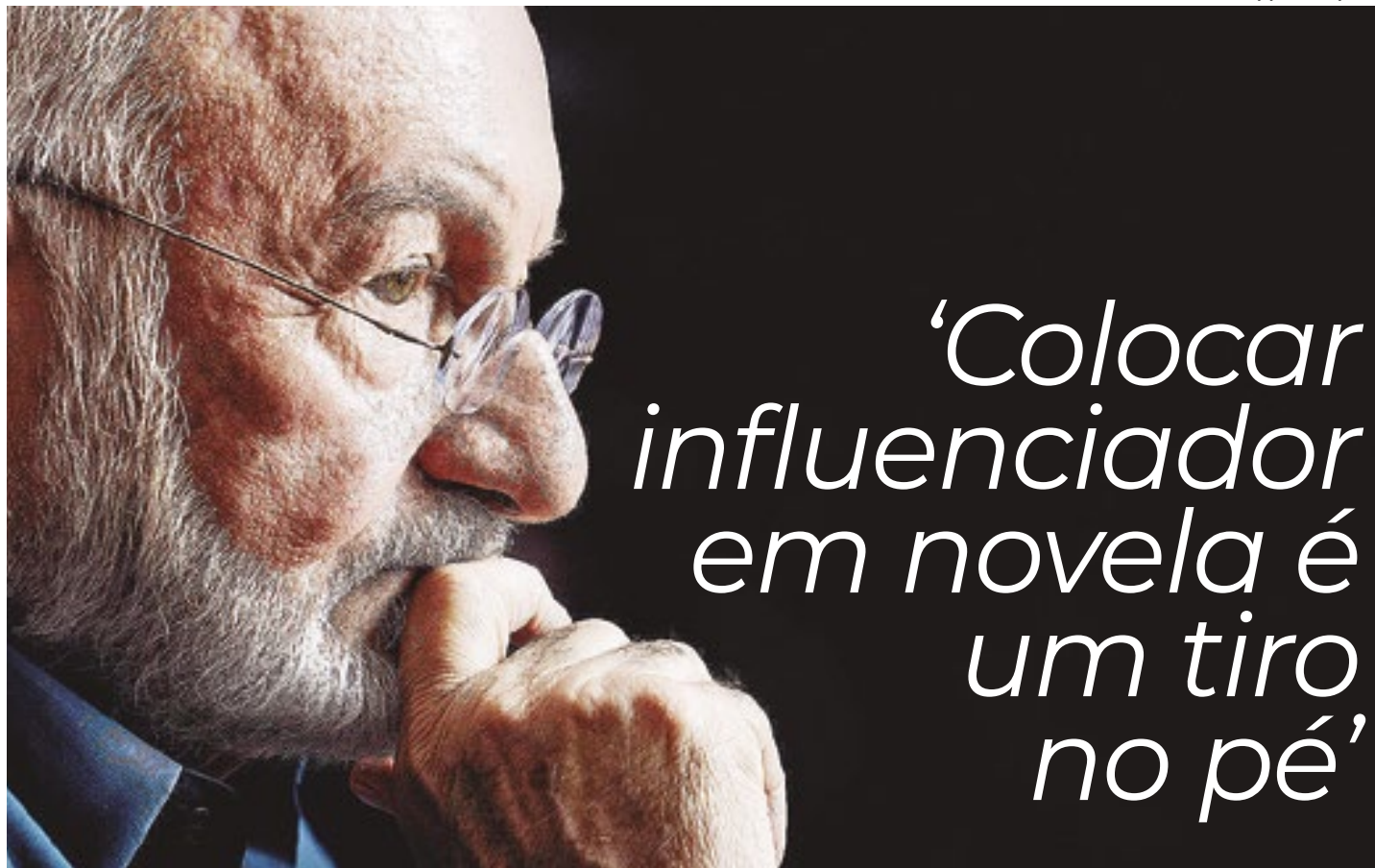
Neste ano, na mesma publicação em que anunciou seu show no Rock in Rio, o cantor revelou que seu novo álbum, “Shawn”, será lançado em outubro. Ele disse em entrevista que, por anos, não conseguia ir para um estúdio “sem entrar em completo pânico”. Dessa forma, em suas palavras, as novas músicas serão as mais íntimas que ele já fez.

Nos Estados Unidos, a turnê de “Shawn” acontecerá em teatros com capacidades de 2 mil a 3 mil pessoas, a mesma plateia de Anitta no país.

Será curioso acompanhar como essa intimidade se traduzirá no imenso palco Mundo. Mendes poderá apontar se seguirá o caminho de pop star ou se há mais teatros do que estádios em seu futuro.

Shawn Mendes se mostra desconfortável com a fama que o acompanha desde o hit ‘Stitches’, lançado há quase dez anos

Eduardo Knapp/Folhapress



‘Colocar influenciador em novela é um tiro no pé’

Por Matheus Rocha (Folhapress)

“Eu não devo nada a ninguém”, afirma Silvio de Abreu, sentado em uma poltrona de seu escritório, onde as estantes guardam uma estatueta do Emmy Internacional, seis do Troféu Imprensa e cerca de 2 mil DVDs de filmes e séries. “Aprendi com meus erros, gostei dos meus acertos e tenho uma vida ótima. Não sou nem um pouco modesto. Não mesmo.” No caso dele, a modéstia de fato soaria pouco convincente. Silvio, afinal, se firmou ao longo dos anos como um nome incontornável da teledramaturgia brasileira. Ao lado de Gilberto Braga, Glória Perez, Aguinaldo Silva e Manoel Carlos, o artista, de 81 anos, formou o primeiro escalão de autores da TV Globo.

Na emissora, foi responsável por fenômenos como “Guerra dos Sexos”, “A Próxima Víctima” e “Rainha da Sucata”, novelas que souberam retratar e ficcionalizar a cidade de São Paulo com elementos da comédia pastelão e do melodrama folhetinesco.

Em 1996, no auge do sucesso como autor, ganhava R\$ 53 mil por mês, valor que equivale a R\$ 452 mil atualmente. A informação está no livro “Gilberto Braga: O Balzac da Globo”, dos jornalistas Arthur Xexéo e Mauricio Stycer.

Em 2014, o poder de Silvio sobre a teledramaturgia aumentou. Naquele ano, assumiu a direção de dramaturgia diária da Glo-

bo e passou a ter a prerrogativa de aprovar e vetar enredos. À frente do departamento, conquistou prêmios, mas também acumulou polêmicas. A mais ruidosa se deu em 2015, durante a novela “Babilônia”. Escrita por Gilberto Braga, Ricardo Linhares e João Ximenes Braga, a trama recebeu ataques homofóbicos após um beijo entre Fernanda Montenegro e Nathalia Timberg. Rejeitada pelo público, carregou por sete anos o título de novela das 21h menos vista da história.

No livro, Ximenes diz que intervenções feitas pela emissora teriam destruído a espinha dorsal da trama. “Tinha intervenção? Sim, tinha”, diz Silvio, acrescentando que interveio porque Gilberto Braga ficou doente e não pôde comandar a equipe. Com isso, a trama teria perdido coerência. “Querida ajudar, mas não aceitavam nada do que eu tinha proposto. Tive que brigar. Foi um inferno.”

Em 2020, Silvio deixou a emissora após quatro décadas. O autor diz que decidiu encerrar seu contrato após mudanças que o fariam ficar subordinado a outras áreas. “Além disso, eu já estava vendo que a Globo ia ficar como está hoje.” E como está a emissora atualmente? “Não está bem, né?”

Para ele, a presença de influenciadores em novelas é um dos sintomas disso. “Colocar influenciador em novela só porque ele tem milhões de seguidores é um tiro no pé. É a mesma coisa que me contratar para ser diretor do Corinthians. Vai ser um desespero. Não entendo nada de futebol”

Aos 81 anos, novelista revê a carreira, marcada por sucessos como ‘Guerra dos Sexos’, ‘Rainha da Sucata’ e ‘A Próxima Víctima’

Recentemente, a emissora escalou para as novelas Jade Picon e Rafa Kalimann, influenciadoras que tiveram a atuação criticada. “Se for para televisão para passar vergonha, é melhor continuar sendo influenciador.” Ele, inclusive, não vê com bons olhos o desempenho da nova geração de atores. “A novela não tem a mesma força por ser muito inferior em todos os aspectos. O elenco é um deles.”

Silvio diz que outra diferença é que os autores escreviam novelas sozinhos, o que para ele conferia personalidade às obras. Atualmente, os folhetins são escritos com o auxílio de múltiplos profissionais. É a chamada sala de roteiro. “Isso tirou deles o estilo. Esses autores de hoje não têm grife.”

Diante desse cenário, considera que a teledramaturgia enfrenta fase conturbada, em que aposta em remakes por falta de ousadia. A origem disso estaria no medo de perder dinheiro, já que a televisão não lucra com

publicidade como antigamente. “Mas justiça seja feita. Essa falta de dinheiro não é só na Globo. No streaming é a mesma coisa.”

A afirmação é de alguém que trabalhou na Max durante um ano e meio após sair da emissora. Na plataforma, supervisionou a produção de novelas como “Beleza Fatal” e “Dona Beja”, produções que ainda não foram lançadas. Em março do ano passado, deixou a empresa porque ela teria começado a priorizar as séries em detrimento das novelas. “Preferi sair a fazer algo que não queria.” Pedir as contas não é uma dificuldade para ele. Foi isso o que fez em sua primeira novela na Globo.

Ele estreou como autor em “Éramos Seis”, fenômeno de audiência exibido pela TV Tupi, em 1977. O sucesso o levou para a Globo, onde fez “Pecado Rasgado”, novela que não teve o mesmo êxito. “Eu escrevia uma coisa e o diretor dirigia outra. Deu tudo errado.” Quando a novela chegou ao fim, saiu da emissora e voltou para o cinema, área na qual já era um nome em ascensão. Após o fracasso na TV, emplacou um sucesso nas bilheterias. Dirigiu “Mulher Objeto” - longa de 1981 que levou cerca de 1,2 milhão de pessoas aos cinemas.

Na filmagem da última cena, recebeu um telefonema da Globo. Cassiano Gabus Mendes havia infartado e o indicara para continuar a trama “Plumas e Paetês”. A partir daí, emendou um trabalho atrás do outro e transformou as novelas das 19h. “A Globo exibia nessa faixa comédias leves e românticas. Quando o Silvio entrou, implantou tramas de humor pastelão, inspiradas nas chanchadas e nas comédias americanas dos anos 1930 e 1940”, diz Nilson Xavier, crítico de televisão.

“Guerra dos Sexos”, de 1983, é o exemplo mais emblemático dessa fase. “Foi revolucionário para a Globo. Até então, não eram feitas novelas assim.” Após outras obras na faixa das 19h, como “Sassaricando” e “Cambalacho”, estreou no horário nobre em 1990, com “Rainha da Sucata”. A trama acompanhava os embates entre os novos ricos e a velha elite paulista. Já em 1995, escreveu “A Próxima Víctima”, folhetim que inovou ao misturar o melodrama das novelas com o suspense dos filmes policiais.

O cinema, aliás, é uma paixão que acompanha Silvio. “Fiquei encantado porque tudo nos filmes era lindo.” É um cenário bem diferente daquele que encontrava em casa. O autor cresceu num ambiente conflituoso. O avô escondia uma família fora do casamento, a tia era uma cantora frustrada e o tio arrumava briga com todo mundo. “A minha infância daria uma novela. Só que viver o enredo não é tão interessante quanto assisti-lo.”

A hora de mostrar a produção recente

Luiz Zerbini abre nova exposição na cidade, desta vez mostrando resultado de suas pesquisas realizadas nos últimos anos

Depois de encerrar uma retrospectiva de sua carreira, Luiz Zerbini abre nesta quarta-feira (4) uma individual na galeria Maneco Müller | Mul.ti.plo, no Leblon. A mostra reúne desta vez a produção mais recente do artista plástico. A exposição “Pedra, Metal e Madeira” reúne cerca de 20 obras recentes do paulista, entre elas gravuras em metal, litogravuras e monotipias, sendo a maioria inédita. A mostra inclui o lançamento de um livro de grandes dimensões, impresso manualmente, a ser apresentado na ArtRio.

Atravessando seus quase 50 anos de produção, a poética de Luiz Zerbini destaca-se por uma voluptuosa e desconcertante paisagística, combinando vegetação, ambientes urbanos, fabulação, memória e alegorias.

A recente produção em monotipia e gravura em metal de Zerbini é fruto de seu encontro com o Estúdio Baren, criado pelo editor e impressor carioca João Sánchez. Há quase uma década, Zerbini e João pesquisam diversas formas de imprimir monotipias, misturando técnicas e materiais, papéis, matrizes e pigmentos. Mais recentemente, o artista carioca Gpeto passou a colaborar também com o Estúdio Baren, se juntando à produção de monotipias de João Sánchez e Luiz Zerbini.

O destaque da mostra são as gravuras em metal inéditas nas quais Zerbini se debruça sobre uma das mais tradicionais técnicas de impressão artesanal do mundo. Há cerca de cinco anos, o artista vem se dedicando a experimentações nesse campo graças à proxi-

midade com o Estúdio Baren.

Na mostra estão cinco obras em água-forte e água-tinta sobre

papel de algodão em preto e branco, com edição limitada de 30 exemplares, no formato de 78 X

53 cm. “Num momento de enorme sucesso da sua carreira, Zerbini expande-se por outra frente, com



Salpicado (2023), monotipia de óleo sobre papel de algodão



Costela (2023), monotipia de óleo sobre papel de algodão



Floresta em Pé (2023), monotipia de óleo sobre papel de algodão



Listradinha (2023), monotipia de óleo sobre papel de algodão

a possibilidade de escapar da demanda permanente da pintura. Nas gravuras em metal, ele está podendo repensar as imagens de suas telas, oferecendo a elas novas dinâmicas, novas camadas, novas possibilidades. Isso leva a um outro caminho de debate sobre sua obra. A oportunidade de se desafiar, de se arriscar, experimentar, traz um incrível frescor e força aos novos trabalhos”, explica Fred Coelho no texto crítico da exposição.

Os desenhos de Zerbini, feitos a ponta-seca e buril sobre a superfície do metal, revelam-se no papel com uma incrível sutileza de tons e força da forma. “Aqui o tempo da impressão é outro. O processo em metal é trabalhoso, lento, complexo. Exige muita dedicação. É coisa de um mundo que não existe mais. Sempre tive vontade de me dedicar a isso, mas nunca tive chance. Agora com o João Sánchez encontramos esse caminho”, revela Zerbini.

Já as 12 monotipias são exemplares únicos, com dimensões de 107 x 80 cm, impressas em papel de algodão. Tirando as obras apresentadas na exposição MASP em 2022, incluindo quatro originais utilizados para ilustrar a edição do livro “Macunaíma, o herói do Brasil”, de Mário de Andrade (Editora Ubu, 2017), e outra sobre a Guerra de Canudos, a coleção de monotipias reunida é inédita. Mais do que representações de vegetação, nas monotipias de Zerbini são as próprias plantas e objetos entintados que são colocados na prensa, imprimindo e dando relevo com sua textura ao papel. “Quando descobri a possibilidade de utilizar as folhas como matriz, fiquei muito interessado. A partir daí começamos a experimentar outros materiais. Fomos fazendo uma pesquisa enorme”, comenta o artista sobre a parceria com o Estúdio Baren.

SERVIÇO

PEDRA, METAL E MADEIRA
Galeria Maneco Müller | Mul.ti.plo (Rua Dias Ferreira, 417/206 - Leblon)
De 4/9 a 1/11, de segunda a sexta (10h às 18h30) e sábados sob agendamento
Entrada franca